



MANTRAS

Palavras Sagradas de Poder

**JOHN BLOFELD**



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

## **Tradução**

ISA SILVEIRA LEAL

MIROEL SILVEIRA

Título do original: *Mantras Sacred Words of Power*

***Para Lu K'uan-yü (Charles Luk)***

***a quem o Ocidente tanto deve por  
sua lúcida interpretação das obras chinesas,  
a qual contém tesouros da sabedoria  
budista e taoísta.***

## **SUMÁRIO**

Prefácio do Autor

1 A Floresta dos Reclusos

2 A Tradição Perdida

3 O Início feio da Compreensão

4 A Deidade Interior

5 Alguns Mantras Iogues

6 Palavras de Poder

7 Shabda, o Som Sagrado

## **PREFÁCIO DO AUTOR**

Como as coincidências se juntam estranhamente! Muitas, muitas vezes, damos com uma palavra ou com um pensamento que estavam havia muito ausentes de nós, e de repente descobrimos que eles ecoaram de novo, duas ou três vezes, num intervalo de poucos dias. Há muitos anos acariciei a idéia de escrever um livro sobre mantras, e depois a descartei. Senti que não seria correto expor assuntos sagrados a um possível menoscabo ou, levianamente, pôr de lado as salvaguardas com as quais o conhecimento mântrico havia sido preservado da profanação durante séculos. De poucos anos para cá, entretanto, as circunstâncias se alteraram. O interesse pela sabedoria do Oriente, que milhares de jovens do Ocidente agora demonstram, é genuíno e não desprovido de reverência; ao contrário de seus antecessores e antepassados, eles não menosprezam o que é misterioso, simplesmente por não estar de acordo com as categorias do pensamento científico ocidental. Esta mudança de atitude merece e recebeu uma calorosa resposta; hoje em dia, até os mais conservadores guardiões das tradições orientais estão inclinados a abrandar o rigor das antigas salvaguardas, devido à compaixão por aqueles cujo desejo de sabedoria é sincero, e que se acham impossibilitados de viajar para longe de seu chão a fim de sentar-se aos pés dos sábios durante anos infindáveis. Havia pouco, uma série de incidentes me fizera ponderar de novo sobre as implicações dessa modificação, quando chegou uma carta de um autor,

eminente autoridade sobre budismo chinês, Lu K'uan-yü (Charles Luk), insistindo comigo para que me dispusesse a escrever exatamente a espécie de trabalho que eu tivera em mente.

Minha primeira reação foi de cautela. Respondi que me sentia hesitante devido aos votos de *samaya*, que prescrevem discricção quanto a todo conhecimento que se obtém através da iniciação tântrica; pois, apesar de meu lama, o Venerável Dodrup Chen, haver-me dado permissão para escrever qualquer coisa que me parecesse adequada, sinto natural relutância em tomar decisões sobre tal matéria. Depois chegou nova carta de Lu K'uan-yü, com a mesma finalidade da primeira. Após ponderar sobre essa sugestão, aceitei-a, mas com uma auto-imposição: decidi limitar-me a falar de mantras que, já tendo sido publicados, deviam certamente ser conhecidos (e talvez mal compreendidos) pelos não-iniciados. Desta maneira, eu esperava evitar revelações não recomendáveis e, ao mesmo tempo, esclarecer algumas concepções provavelmente errôneas.

Seguindo a linha geral que eu havia dado aos meus livros anteriores sobre assuntos similares, comecei pelo que, para mim, era o começo, relatando mais ou menos cronologicamente meus encontros iniciais com a prática mântrica. Por isso, os dois ou três primeiros capítulos não têm profundidade, mas espero que sejam considerados interessantes. Os leitores que, até aqui, consideram os mantras como mágicos ou conversa fiada descobrirão que foi quase essa a minha atitude no início, apesar de a fé na

sabedoria dos meus amigos chineses me impedir de trancar a mente contra o que parecesse tolice. Espero conseguir despertar reverência pelas artes mânticas, e pela crença em sua validade, exatamente como foram despertadas em mim — passo a passo.

Gostaria de enfatizar que cheguei aos mantras por acaso, e não por decisão própria. Apesar de meu interesse por eles ser perfeitamente sincero, não busquei conhecimentos mânticos, e o que adquiri foi incidental na minha procura de iogues através dos quais conseguisse a Iluminação, da qual os mantras algumas vezes fazem parte. Tive muita sorte ao encontrar homens de sabedoria e verdadeira santidade, tanto chineses quanto tibetanos, muitos dos quais versados em erudição mântica, mas estou longe de dominar o assunto. O fato de ter ousado escrever sobre isso não é porque eu saiba muito, mas porque muitos outros, que não tiveram as oportunidades que eu tive, talvez saibam menos ainda. Até esta data — tal como o leitor descobrirá ao final — existem aspectos dos mantras que permanecem tão misteriosos para mim quanto antes. Geralmente, divido os mantras em três categorias, das quais só me sinto capaz de falar com ligeira autoridade sobre-a primeira:

1— Mantras usados na contemplação iogue, maravilhosos mas não miraculosos.

2— Mantras com efeitos aparentemente miraculosos.

3— Mantras que, se tudo quanto se afirma a seu respeito for válido, devem provisoriamente ser julgados capazes de agir

miraculosamente, ao menos até que a forma de sua ação seja melhor compreendida.

A maior parte do que se segue aos dois ou três capítulos introdutórios concerne à contemplação iogue. Apesar de ser considerado o menos espetacular aspecto dos mantras, este é o único de importância definitiva. Estou grato a Lu K'uan-yü por seu encorajamento, ao Lama Anagarika Govinda por uma carta que, em conjunto com suas obras publicadas, solucionou vários problemas para mim; ao meu bom amigo Gerald Yorke pela informação sobre a teoria hindu do poder mântico, assim como de várias práticas ocidentais análogas ao uso dos mantras; e a dom Sylvester Houédard, da Prinknash Abbey, pelas volumosas notas eruditas das quais extraí minhas referências à Prece de Jesus<sup>1</sup> e ao Ismu'z at dos Sufis.

*John Blofeld, A Casa do Vento e da Nuvem*

---

<sup>1</sup> A Prece de Jesus, equivalente ao Pai-Nosso do Catolicismo, foi criada no cristianismo ortodoxo por São João Crisóstomo, santo notabilizado por sua eloquência.

# Capítulo 1

## A FLORESTA DOS RECLUSOS

Era como um sonho. Dentro do largo aposento, e apesar de os raios das velas refletirem-se nos cálices e instrumentos rituais reunidos sobre o altar, brilhando com luz prateada, e apesar de o mandala das divindades, erguido atrás dela, conter todas as colorações imagináveis, a luz que prevalecia era um dourado pálido, cor da esteira de palha de arroz estendida de uma parede à outra, com sua superfície imaculada interrompida apenas por um altar baixo e quadrado, de madeira negra, e pelas fileiras de almofadas cor de bronze, usadas para meditação. As almofadas, no momento, estavam ocupadas. A não ser pelo movimento dos lábios e pela respiração, as figuras envoltas em branco assemelhavam-se a estátuas, tão profunda era a tranqüilidade invocada pelas sílabas em tom grave emanadas de suas bocas e reguladas pelo ritmo majestático do tambor:

LOMAKU SICHILIA JIPIKIA NAN SALABA TATAGEATA  
NAN. ANG BILAJI BILAJI MAKASA GEYALA SATA SATA  
SARATÉ SARATÉ TALAYI TALAYI BÍDAMANI SANHANJIANI  
TALAMACHI SIDA GRIYA *TALANG* SOHA!

Logo cheguei a saber que nenhum dos devotos, apesar de suas mentes responderem sem falha ao encantamento, conhecia o significado daquelas sílabas, cujo som era mais inspirador do que um solene peã! A linguagem não era a de

sua nativa Cantão; nem sequer, apesar de ter sido transmitida a seu professor pelo Mestre dele no Japão, era japonês; nem mesmo o chinês medieval, conquanto o mantra tenha alcançado o Japão vindo da China, mil anos antes; nem era sânscrito — mas talvez o sânscrito modificado através dos séculos por toda uma série de transições. Estranhamente, nada disso importava, pois as sílabas de um mantra, ainda que acaso inteligíveis, não deviam seu poder ao significado, ao nível do pensamento conceitual. Ali estava o início de um mistério ao qual, de então por diante, eu dedicaria toda a minha vida. E agora, após quatro décadas, não posso na verdade dizer que o desvendei!

Quando, na juventude, tomei a primeira resolução de ir à China, uma doença súbita me compeliu a desembarcar em Hong-Kong. Ali, as circunstâncias me levaram a permanecer pôr um ano ou mais, cultivando a amizade de um grupo de chineses conservadores, que apaixonadamente se apegavam à velha sabedoria e às tradições de sua raça. Entre eles havia um médico da velha escola, estudante de rosto pálido, de trinta e poucos anos, que, desprezando as modas ocidentais, usava um severo barrete de cetim preto, encimado por um pingente escarlate, e no verão, uma túnica de fina seda branca que chegava ao tornozelo e tinha a gola erguida. No inverno, essa túnica era substituída por outra de seda mais pesada, de cor sombria e acolchoada com paina de seda, sobre a qual usava com freqüência uma jaqueta manchu, formal, de cetim preto estampado. Tal como proclamava sua aparência, o Dr. Tsai Ta-hai era totalmente um homem de



tradição, mas não amante da fossilizada rigidez confuciana — e imbuído pelo espírito humanístico, místico e brincalhão que caracteriza as mais finas formas da poesia e da pintura chinesas. Profundo conhecedor das tradições taoístas e budistas, vivia mergulhado no mistério das miríades de formas mutantes criadas pelo Tao informe, autoperpetuador e imutável, representado com tanta agudeza em velhos poemas e paisagens. Quando nos conhecemos, ele estava entusiasmado com uma forma de budismo esotérico não mais habitual na China, mas que sobrevivera de modo truncado no Japão, de onde havia sido recentemente transmitida para um grupo de devotos em Hong Kong.

Nossa amizade, que seria cimentada mais tarde por um juramento de fraternidade, cresceu magicamente desde a noite de nosso primeiro encontro. Noutro livro, ***The Wheel of Life*** [A Roda da Vida] descrevi mais longamente a maneira pela qual estando mal, com febre intermitente, mandei meu empregadinho cantonês de 12 anos procurar um médico; e de como esse rapazinho, nada sabendo a respeito das preferências de um estrangeiro, tivesse corrido até o mais próximo — o Dr. Tsai Ta-hai, naturista chinês que, apesar da surpresa ao ser chamado por um "diabo estrangeiro", ocorreu imediatamente, tocando com seus dedos esguios um de meus pulsos de cada vez, descobrindo não só um, mas seis pulsos! Seu método de diagnóstico não era menos estranho para um jovem recém-chegado da Inglaterra; consistia em mergulhar sua mente em tranqüilidade interior e intuir, em silêncio, as perturbações nos ritmos de meu corpo. A receita, que redigiu

em bela caligrafia com o conjunto de acessórios de escrita que formava a parte mais essencial de seu equipamento médico portátil, levou-me à compra de muitos pacotinhos de estranhas substâncias, as quais fervidas juntas produziram um líquido ralo, negro e amargo com espantosas propriedades curativas. Descobrimo que eu era budista, ele me interrogou com deliciado espanto. Nunca esquecerei a alegria que iluminou seu rosto ao saber, pela primeira vez em sua vida, que havia deparado com um ocidental ansioso por aprender com os chineses, em vez de estar determinado a impor-lhes sua maneira ocidental de pensar.

Assim que me restabeleci, meu novo amigo me levou a uma reunião numa casa que, tal como proclamava uma tabuleta de laca acima da entrada, era curiosamente denominada "A Floresta dos Reclusos". Era na verdade uma espécie de templo particular, pertencente a uma associação de budistas leigos. Fui informado de que quase todas as cidades da China tinham sua Floresta de Reclusos, mas que aquela era incomum, porque seus membros adotavam uma forma de budismo que, tendo desaparecido da China mil anos antes, havia sobrevivido no Japão como seita Shingon. O mestre-residente, Lai Fa-shih (Mestre-Dharma Lai), depois de passar alguns anos em retiro no Monte Koya, não muito longe de Kioto, tinha voltado do Japão para instruir seus confrades chineses sobre o que sobrara da tradição secreta que havia prevalecido entre seus antepassados na época em que havia florescido a Seita Esotérica (Mi Tsung). A seita Shingon, assim como sua contrapartida tibetana, a Vajrayana ou

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

